

37- Mandala Sonora em grupo: uma abordagem transpessoal. Leomara Craveiro de Sá/GO.¹

A palavra mandala vem do sânscrito e quer dizer círculo. Etimologicamente, significa "essência de si mesmo". Na visão de Matos (s/d), a mandala tem por objetivo facilitar a realização da pessoa como ser cósmico e a descobrir aquilo que já é. Estudos recentes sobre consciência tratam de sua natureza holoinformacional. Nesta visão, o inconsciente é compreendido, hipoteticamente, como "a parte da consciência holográfica universal desdobrada no cérebro/mente que se 'desfoca', se 'obscrece', quando se auto-organiza como consciência humana, tal como em um holograma, em que a parte contém o todo de forma menos nítida" (Di Biase & Amoroso, 2004, p. 259). Enquanto símbolo universal de integração, harmonia e transformação, a mandala tem sido considerada, desde os tempos mais remotos, tanto uma forma artística quanto um ritual de meditação. Jung reintroduziu o conceito de mandala no Ocidente como uma forma artística integrativa e terapêutica usada pelos pacientes em sua própria busca pela individuação. Partindo desses princípios, na Mandala Sonora em Grupo, propõe-se substituir cores e formas por sons e gestos corporais, sonoros e musicais, com o objetivo de se atingir auto-organização e integração com o universo. Pressupõe-se que, ao se "desenhar" a mandala com sons de vozes humanas, cria-se um campo de forças que possibilita a passagem entre diferentes dimensões (estados ampliados de consciências), podendo facilitar a integração com a consciência holográfica universal, o que, conseqüentemente, acarreta um aumento de energia vital. Esta abordagem pode ser aplicada a grupos de pessoas que buscam um auto-conhecimento mais profundo, podendo ser alcançado por meio da integração entre os níveis pessoal e transpessoal.

PALAVRAS-CHAVE: Sons; Mandala; Consciência; Estados Transpessoais; Musicoterapia.

¹Leomara Craveiro de Sá. Doutora em Comunicação e Semiótica/PUC-SP; Professora-pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Música; Conselheira no Conselho Estadual de Educação do Estado de Goiás; Musicoterapeuta Clínica. E-mail: leomara.craveiro@gmail.com
Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4708886E6>

38- CORPO: lugar de sons e ressonâncias. Cláudia Maria Carrara Lelis/SP.¹

Gostaria de começar este artigo fazendo uma reverência às Mães que geram os corpos de seus filhos... à Mãe Terra que gera alimentos para estes corpos... à Mãe natureza que abriga a terra, as águas, os mares, as florestas, todos os corpos, todos os seres, todos os seus frutos e flores, todos os sons desde a nossa existência mais primitiva...

O corpo do bebê é um lugar de sons e ressonâncias se pôde habitar o corpo da mãe amorosa, sua primeira raiz. Sabemos que o ritmo é a primeira experiência musical do ser, ainda no período embrionário, na experiência rítmica da pulsação vibratória da díade mãe-bebê. Neste período os sons são vivenciados como vibrações. "O feto aprende cedo que um batimento estável (seu próprio batimento em relação ao batimento cardíaco da mãe) é indicação de vida – do bem estar físico da pessoa – como dependente da estabilidade e da força do pulso da mãe". Esta primeira vibração, pulso musical é o resultado do "suporte do ambiente-mãe", a matriz da vida, sinal de sobrevivência e existência. A segunda vibração acontece no ritmo da alimentação que o feto recebe da mãe através do cordão umbilical, num fluxo rítmico e saudável: "o feto é sensibilizado pela periodicidade das frases da música do corpo da mãe". Aqui, aparecem dois elementos musicais importantes deste período: o pulso (ritmos previsíveis) e a altura. No nascimento, as contrações da mãe, com vários ritmos de respiração, o feto vivencia estados periódicos de pressão e liberação, levando ao fraseado, elemento musical sentido na pressão versus liberação, confinamento versus liberdade. Vivendo a primeira experiência de separação... (Bruscia, 1991).

No seu processo de desenvolvimento o bebê brinca com os sons, conhecendo o mundo através da voz da mãe, como um banho melódico, um espelho sonoro. Segundo Didier Anzieu é a voz da mãe que dá a dimensão do que o bebê sente e do que a mãe sente por ele, é onde ele pode espelhar seus sentimentos e sensações. Examinando a voz das mães de esquizofrênicos, Anzieu descreve como uma voz que perturba a constituição do self, provoca mal estar por ser disrítmica, favorece a confusão de sons e o sentimento de intrusão. Quando ocorrem falhas no espelho sonoro não há continuidade e ritmo, a voz ora é insuficiente ora é excessiva, causando uma violência sonora no self e impersonalidade, o bebê fica mal seguro no seu self.

¹ Graduada em Musicoterapia pela FAP - PR (Faculdade de Artes do Paraná) Curitiba - PR, 1988. Especialização em pesquisa em Música pela UFU / Uberlândia - MG, 1994. Mestre em Psicologia pela FFCLRP - USP/Ribeirão Preto - SP, 2002. Certificada pelo Instituto Neo-Reichiano Lumen de Ribeirão Preto - SP em Psicoterapia e Terapia Corporal, 1999. CBT em Análise Bioenergética pelo Sociedade de Análise Bioenergética Lumen de Ribeirão Preto - SP, filiada ao IIBA (International Institute of Bioenergetic Analysis da Suíça), 2005. Trainee em Biossíntese pelo Instituto Brasileiro de Biossíntese de Ribeirão Preto - SP. Atuação na Área de Psiquiatria durante 12 anos com jovens Psicóticos em Hospital Dia. Workshops em Empresas trabalhando as Dinâmicas dos Grupos. Consultório Particular com crianças, adolescentes e adultos. Professora de Musicoterapia Neo-Reichiana no Instituto Neo-Reichiano Lumen de Ribeirão Preto. Email: clelis@terra.com.br